

# O RETIRANTE

ORGAM DAS VICTIMAS DA SECCA.

PUBLICAÇÕES PARTICULARES: 80 RS. POR LINHA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA: 18000 MENSAS.

Anno I.

Fortaleza — Domingo, 14 de Outubro de 1877.

N. 17

## O RETIRANTE.

FORTALEZA, 14 de OUTUBRO de 1877.

Por mais que nos custem dissabores, acompanharemos o movimento judiciário relativamente ao barbáro crime do Mondubim, de que foi protagonista o major Pirão, e que traz alarmado o espírito público pela justa indignação que esse crime inspira.

Ficou bem patente por provas irrecusáveis no inquerito policial que o infeliz retirante se fez horrivelmente, não foi — José Doido, morador há mais de dois anos em Maracanahú, e que se apresentou à autoridade policial para ser vistoriado.

Essa substituição grossa foi prompta e rigorosamente denunciada pela população em massa, que orgueu-se como um homem contra a audaciosa impostura, na propria hora do exame; tanto mais quando foi visto em poder do pretendido paciente uma porção de massa caustica que foi-lhe ministrada para similar sevicias.

Com efeito José Doido atônito pela reprovatio geral desapareceu, após o exame, sem saber responder sequer—que era o rio Jaguaribe que banha a villa onde dissera residir, e d'ella ter emigrado em Fevereiro d'este anno, quando sabem todos os habitantes de Maracanahú que esse réo de polícia ali mora há mais de dois annos!

O Dr. chefe de polícia, convencido do embuste, ali o foi prender para liquidar essa questão de identidade, cuja diligencia infelizmente malogrhou-se, pois que o tratante, sendo avisado, fugiu conduzindo toda a sua roupa em um sacco, bem como a de sua amasia, a quem abandonou na fuga deixando-a com a roupa do corpo.

A propria descrição dos peritos no corpo de delicto, repelia a idéa de ser o examinado o que recebesse o tremendo castigo descripto pelas testemunhas do inquerito, infeliz que deve estar na eternidade ou, pelo menos, em carcere privado extorcedo-se preso por leito de dor, visto que não aparece!

Pois bem: o Dr. promotor publico da comarca acaba de apresentar sua queixa contra o major Pirão, tomando por base—esse corpo de delicto,—para encabeçar o crime no artigo 201 do código criminal, erro que lhe deve tirar metade do prestigio e força moral de que tanto caricia revestir-se o ministerio publico n'este desgraçado sucesso.

E tanto mais é justa a nossa censura, quando n'essa queixa foram excluidas todas as testemunhas que sabem ser José Doido—um falso paciente, e do qual mais tarde aparecerá, não obstante—nocuracão—perdoando o crime e impondo silêncio ao processo!

E assim que o tenente-coronel José Viana tendo comunicado a promotoria que José Doido ainda na vespresa do dia em que se apresentou à polícia para ser examinado, perguntou a Manoel de tal, chefe de trem da via-férrea, se—já tinha aparecido o individuo surrado por Pirão—o que prova evidentemente não ter sido ele o paciente: nem foram os nomes do tenente coronel nem do chefe de trem indicados em rol para o sumário.

E assim ainda que, tendo-se declinado no numero passado d'este periodico os nomes de cidadãos distintos que tinham plena certeza da substituição, tais como o Dr. Privat, capitão Nelson e outros; a queixa evitou esses importantissimos depoimentos!

Ficando, pois, provadíssimo que tal queixa se funda em um corpo de delicto n'estas condições, do que ha sobrejas provas no proprio inquerito policial, tem-se provado o maior escândalo que se podia dar no fôro de uma capital ilustrada, e diante de cujo escândalo recuaria a mais estragada justiça de aldeia!

Confiamos porém que o juizo criminal, onde o processo vai correr seus termos, salvará a causa da justiça.

Proseguiremos.

## As dissipações do Sr. Estellita.

Concentremos o espírito sobre a sorte ioda mais miseranda que ameaça de perto este povo infeliz;itemos os olhos n'esse quadro de misérias, e sem detença veremos que de todo enegrece nosso horizonte já tão carregado, anunciando medonha procela.

A imprensa d'este capital de quando em vez registra casos de morte por fome, os quais o Sr. Estellita manda desmentir pela folha oficial; mas, nem por isso, deixam elles de repetir-se, falando muito alto e eloquientemente contra sua immoral administração.

Onde iremos parar, si o Sr. Caxias se não convencer de que o seu delegado está desgovernando esta província?

A ignorância, ingenuidade e absoluta carencia de discernimento attingem em S. Exc. a um verdadeire idiota. Sem iniciativa, tem-se tornado uma máquina exposta ao impulso de qualquer aventureiro, movendo-se ao mais leve toque.

Esbanja-se o óbulo destinado ao desgraçado; derrama-se dinheiro *targa manu* e a verba—soccorros publicos—é uma fonte copiosa sorvida com incrivel sofreguidão pelas mais ilícitas ambigões.

A continuarem as coisas no pé em que se achão, a caridade particular e o tesouro nacional, de mãos dadas, não conseguiram certamente evitar o funebre desfecho d'esse drama de horrores e infortunios que S. Exc. está fazendo representar com geral indignação. Aqui mesmo, dentro d'esta capital, no centro de todos os recursos, a pobreza ver-se-ha na dura e triste contingência ou de saquear os grandes depositos dos especuladores, ou resignar-se à morte depois de cruéis torturas. As nossas bellas ruas se juncarão com os cadaveres das victimas d'essa administração imbecil, as quaes hão de exhalar, com o derradeiro respiro, as mais justas e tremendas imprecacões.

Infelizmente não declamamos; as nossas previsões estão no espírito publico, desde muito revoltado; os homens bem intencionados, os que olham pelo prisma do justo e do honesto, os que encaram a quadra com profunda magoa e só pensam nos meios de attenuar tamanhos e tão prolongados sofrimentos, esses estão comnosco, soldados d'essa santa cruzada que espera conquistar sua Jerusalém, escalando, embora com sacrificios, as mais elevadas e espessas muralhas que se lhes antepõem.

Conhecemos perfeitamente a medida de linguagem que deveremos observar, si não houvessemos esgotado a paciencia, clamando em baile contra os continuados abusos do Sr. Estellita. Para pintal-o com fidelidade, não descobrimos outras tintas; seria preciso sacrificar a verdade, temos repetido muitas vezes, para em phrases avelludadas descrever uma administração que rola em plano inclinado à precipitar-se em pavoroso abysmo, arrastando consigo centenas de vidas, algumas das quaes talvez mais utiles que a de S. Exc. à causa publica.

Effectivamente, não se faz mister o jogo das cifras para chegarmos à triste realidade; à primeira vista impressiona-nos, do

I LEGIVEL

modo o mais desagradável, a dissipação dos dinheiros públicos e dos generosos do-nativos de nacionais e estrangeiros, formando saliente contraste com esse apre-goado espírito de economia com que em melhores tempos os amigos de S. Exc. pre-tenderam aureolar-o, imbastindo-nos gros-seiramente com louvambras de encom-menda.

São enormes as sommas que semanalmente se esvaem em conta dos infelizes *retirantes*, que, desde a manhã até horas avançadas da noite, batem-nos á porta, proferindo amargas queixas contra alguns senhores membros d'esse alluvião de com-missões que atiram-lhes, como á cães, ri-diculas migalhas acompanhadas de rudes affrontas.

Não o interesse mesquinho, mas o pa-triotismo e os sentimentos de humanidade deveriam ser os moveis d'esses senhores; não proletários, porém homens inde-pendentes, como alguns conhecemos n'essas comissões, deveriam constituir-as todas; pois, não podemos comprehender como chefes de familia pobres que precisam do trabalho, possam, sem a minima retribui-ção, gastar todo o seu tempo em distribuição de esmolas. Si realmente S. Exc. os remunera, não é justo que o obulo consagrado aos desvalidos se converta em pingues ordenados á meia duzia de seus protegidos. Si se acham estes em condições de serem socorridos, é sem dúvida odiosissima essa jerarchia que S. Exc. establece entre os necessitados, essa distinção entre os *retirantes*, muitos dos quaes apenas recebem quinhentos réis para comer durante seis dias e os seus queridos, guindados á cate-goria de feitores, distribuidores, pagadores, compradores, essa caterva, em summa, de empregados da secca, verdadeiras sanguesugas pregadas aos lombos dos infelizes fami-los.

A' muitos contemporaneos do lugubre 45 temos ouvido que todo esse serviço era confiado aos empregados públicos, com um pequeno aumento em seus vencimentos.

D'este modo haveria maior ordem, me-lhor methodo, e incontestavelmente muito mais economia no dispêndio dos dinheiros e distribuição dos generos; *maxime* actual-mente, quando não ha, excepção feita da thesouraria geral, muito que fazer nas di-versas repartições.

Entretanto, surdo ao ponto de não ou-vir o piar descompansado dos corvos; ce-go á não ver a formidável catadura do hypocrita através da transparente mascara da philantropia; desvairado á não des-cernir entre o homem de bem, o legitímo cidadão e o cavalleiro andante, confia S. Exc. grossas sommas ao primeiro que lhe estende a mão, ou lhe fala em nome de localidades de que se diz orgam geno-no e às vezes não passa d'essas varejeiras que esvoacam por sobre as dores da hu-manidade, como por sobre as podridões!

O dinheiro vôle e não ha cessar os clamores; os gemidos, desde as longíquas extremas da província, nos vem ferir os ouvidos e dilacerar o coração! Hoje são dezenas; amanhã serão centenas de ce-renses, que cahirão inanidos, si o reinado

da economia e intelligente direcção dos negócios públicos não vier quanto antes substituir o reinado das patotas, do esbanjamento e da ineptia.

### Sempre Pirões!

Um distinto cavalheiro do Icó, não tendo ainda notícia da tragedia do Mondubim, escreve o seguinte á um seu ami-go d'esta capital:

« Francisco Monteiro acaba de praticar um acto de verdadeiro canibalismo: Um miserável tendo colhido em seu sitio um cacho de bananas e apanhado com o furto, foi por ordem de Monteiro, cruel-mente surrado, depois do que, cortando-se-lhe a barba á faca, despiram-no dos imundes trapos que vestia, os quais fo-ram entregues ás chaminas e o pobre ho-mem largado á rua em completa nudez»

Horrerosa coincidencia!

Enquanto Pirão n'esta capital procura por grosseiros estratagemas escapar á acção da justiça publica e as autorida-des auxiliavam-no no tristíssimo empenho de sepultar nas trevas um crime hedion-do; na mesma província, alumado pe-lo mesmo sol e quasi ao mesmo tempo, um seu proximo parente, embora não com tanta ferocidade, exhibia a prova a mais concludente de que herdaram-se idy-sincrasias; enraizam-se nos membros de uma mesma familia males moraes e physicos identicos, circulando nas veias d'esses dous homens o mesmo sangue, carregado dos mesmos vicios.

Esses dois cerebros, sob o escapello per-scutador do phrenologo, revellariam segredos; resolviam problemas que tecem atra-vessado os séculos sem solução.

A vasta e complicada sciencia da alma humana colheria ahi fructos sem davida mais proveitosos do que essas mirradas bananas nutritas pelo solo arido dos ser-tões, as quaes custaram ao infeliz faminto tão duras provações.

E como não avolumar-se a estatística criminal d'esta província, quando só são punidos os furtos de cavallos e galinhas e ahi vivem impunes, gozando de todos os fóruns e privilégios do cidadão util e pacifico, os grandes criminosos, só porque são Pirões?

Revoltante irrisão!

Agora mesmo, n'este instante em que estampamos n'estas columnas o mais so-leme e energico protesto contra a crimi-nosa attitudé das autoridades, que por de-leixo, cobardia e manifesto patronato tor-naram-se cúmplices do Pachá do Mondubi-m, lacerando a lei, conciliando todos os preceitos, todos os sãos princípios de mo-ralidade; chegando esse deplorável estado de cousas ao ponto do joven orgam da jus-tiça publica defender em rodas de calça-das, com todo o calor da mocidade, o ini-diado, contra o qual nem uma só diligencia requereu, apezar dos continuados reclames da opinião publica; é depois de tantos escandalos, quando a sociedade, hir-ta de terror, indefesa, sem abrigo sobre a

cabeça, sem apoio sob os pés, abandonadas as nossas vidas, a nossa honra e propriedades, que a sorte, como pungente escarneio atirado á nossas faces, consta-nos ter esco-hido, entre centenares de cidadãos, o ira-cundo Pirão para juiz de facto, na proxima sessão do jury!

A' ser verdade, como nos autorisa á crer o carácter do comunicante, o facto que teve por théatro a cidade do Icó, até quando devemos aguardar o imperio da lei e da moral? Quando nos será dado transitar seguros, já não dizemos essas es-tradas e veredas invadidas pelos Athai-des; mas, os grandes centros de popula-ção, as proprias ruas d'esta capital illu-minadas de noite por ondas de copiosa e viva luz, confiadas a esses soldados que, si dentro de seus quartéis teem ante os olhos a lei do dever; fóra, nas autoridades civis á que se acha entregue a polícia, só descobrem o pernicioso exemplo do des-preso pela justiça?

Seria iniquidade lançar á conta da in-dole d'este povo activo e laborioso; d'este povo, cujas mãos, calçadas pelo trabalho, não se habituariam ao jogo do punhal e do bacamar, si a politica e o arbitrio das autoridades, que o comprimem da modo o mais ferrenho não o fizesse instrumento, muitas vezes inconsciente, de paixões e in-teresses alheios; seria injusto, repetimos, attribuir ao carácter d'este povo, que pri-meiro n'este paiz ergueu o labaro do tra-balho livre, esse quadro vasto, negro e as-sombroso onde se vê representados crimes de todas as naturezas, desde o simples furto de macacheiras e bananas até as cruezas do Mondubim.

O erro vêm muito de cima e, sem con-testação, são muito mais culpados aqueles que, negando ás massas o pão do es-pírito e, nas epochas calamitosas, como a que atravessamos, ali o pão do corpo, estabelecem graduações parante a lei e, o que inda mais indigna, especialmente em face do código criminal, cuja exacta e recta execução é um dos mais poderosos elementos de civilização.

Quando o pobre trabalhador de encha-da hombrear nas penitenciarias com os ricos proprietarios; quando estes e aqueles forem nivellados sob o gladio da jus-tiça, com certeza nos veremos em paralelo d'esses paizes onde sobre o mesmo banco se teem sentado os Troppmans e os Pedros Bonapartes.

### Alexandre Herculano.

No dia 8 do corrente celebrou-se com grande pompa, na Cathedral, as exequias, que antecedentemente annunciamos, pelo eterno repouso do eminent historiador e litterato portuguez A. Her-culano.

Os portuguezes residentes n'esta capi-tal, não podendo conservar-se indiffe-rentes ante o infasto acontecimento que cobriu de lucto o mundo das lottras, a-caba de dar pelo modo o mais solemne uma prova assas significativa desse san-

to patriotismo que, dentro ou fóra do torrão em que viram a primeira luz, na prosperidade como na adversidade, trai os sempre unidos no mais estreito e fraternal amplexo.

O acto que testemunhamos, cheios de respeito e veneração por esse velho magestoso que com razão faz o orgulho de Portugal, trouxe-nos também a certeza de que cada coração lusitano é um Pantheon onde sabem guardar com verdadeiro culto a memória dos grandes homens da pátria que idolatram.

Do íntimo d'alma nos associamos á colónia portuguesa em sua profunda e justa magoa. A Herculano não pertence só a Portugal; não é sómente o ídolo dos portugueses, mas de todos aqueles que souberam admirar suas raras virtudes, seu notável e fecundíssimo talento, as suas produções, verdadeiros monumentos que lhe hão de eternizar o nome.

Na Cathédral reuniram-se nesse dia, como era de esperar, as primeiras autoridades da província, á exceção do presidente por achar-se doente, conforme comunicou á distinta comissão portuguesa, pelo seu ajudante d'ordens. O tribunal da relação, os juizes de direito, chefe de polícia, a oficialidade do 15º batalhão de linha tendo á frente seu digno comandante, o gabinete cearense de leitura, a associação artística, vários empregados públicos, as pessoas mais gradas d'esta capital, nacionais e estrangeiros, todas as corporações, em summa, foram ali representadas.

No meio d'essa multidão que concorreu do modo o mais espontâneo a prestar os devidos homenagens aos restos preciosos do grande português, notamos com estranheza uma sensível lacuna: Portugal não foi oficialmente representado, o Sr. consul português deixou de acompanhar a colónia em tão sincera e merecida manifestação de dor pela perda irreparável de um homem que resume toda uma nacionalidade.

Não podemos furtar-nos ao dever de levar á illustre comissão portuguesa, composta dos Srs. Joaquim José de Oliveira, José Martins Arcas, José Gomes Barbosa, João Joaquim Simões e Domingos Bento de Abreu, agradecendo-lhe ao mesmo tempo, em nome das infelizes vítimas da seca, o óbulo que lhe offertou, proveniente das sobras da subscrição promovida com o fim de celebrar as exequias.

## LITTERATURA.

### • retirante.

#### I

Vem, ó musa da dor, prestar-me auxílio,  
Dóridos threnos vem chorar comigo!  
Imprime no meu estro o adeus saudoso,  
O pobre retirante ao seu jazigo!  
Repassado de dor, de fome exausto,  
Toma a esposa fiel, toma os filhinhos,  
Sem sacco, sem alforje, a pés descalços,  
Lá segue, sem saber, invisos caminhos;  
Mal sabe o descontento entre os azares,  
Se o soloinda verá dos próprios lares!

#### II

Poucos passos ha dado; e volve os olhos,  
Ao casal, que deixou, que ama deveras,  
Ao monte, ao prado, ao rio, ao bosque umbroso  
onde o viram felizes recentes eras!  
Vergado a tanta dor, seus olhos vertem  
No seio da consorte afflito pranto;  
Em quanto a desdita enxuga os olhos  
Na ponta de seu velho e tosco manto,  
Sem vêr com que matar a mortal fome,  
Que aos filhinhos persegue e a si consome.

#### III

O pai nunca pediu, não tem coragem  
Dir o pão esmolar pelos caminhos;  
Mas a mãe, toda amor, não pôde vêr  
Chorar, morrer de fome os seus filhinhos,  
O pranto lhe borbulha em abundância,  
A voz fallece, quando estende a mão!  
Em soluços diz ella: Dá Senhor!  
Um pedaço sique do vosso pão!  
Não deixes parcer n'estes caminhos  
De fome e de miseria os meus filhinhos!

#### IV

Repulsa e mal aceita em toda parte,  
Segue a triste família incerto norte;  
Na terra, nos mortaes, nos céos, em tudo  
Quanto a coroa, só vê sombras da morte,  
Como a flor que o soão cresceu a tarde,  
Orvalhada das gotas da procélia.  
Com os setos à mostra, os pés descalços,  
Com a vista no chão, segue a donzella;  
Na face, que da rosa tinha o porte,  
Vê-se o baço pallor da cõr da morte!

#### V

E' logo vivo o sol, as pedras brasas,  
O vento labareda, ardente o pó;  
A fome cruciante; e os pobresinhos  
Não acham de seu mal quem tenha dó,  
A sombra d'um rochedo ou verde arbusto  
Onde a fonte encontrou, que mate a sede,  
Na planeira da alastrá a pobre gente  
Tomando por colchão seu ramo verde;  
A noite toman pouso na cidade,  
Onde, mais que o dever, reina a maldade.

#### VI

O pai nunca pediu, a mãe resolve,  
Cujo amor maternal pulsa mais forte.  
Saihe a filha donzella e os mais filhinhos  
Um bocado à pedir, que evite a morte.  
Como os filhos das ervas se dividem  
Nos abertos sertões pelas campinas,  
Pelos becos e ruas se separam  
A mãe, donzella incauta e as meninas;  
Descalcos os pés, soltos os cabellos,  
Arrazados de pranto os olhos bellos!

#### VII

Ao primeiro, que encontra, estende a mão  
A mãe convulsa, afflita, em desalinhos:  
Uma esmola, senhor! morro de fome,  
E meu pobre marido e meus filhinhos!  
Cantellosa, a donzella se recolhe  
No manto, como a rosa em seu botão;  
Orvalhada de pranto e mudamente  
Estende ao que encontrou, faminta mão!  
As meninas famintas, quasi nuas,  
Vão à todos pedindo pelas ruas!

#### VIII

Recolhida a familia, o pai se apressa  
Em vêr de cada qual sua parcela,  
E feita a redução, reconheceu,  
Ser mais vantajosa a da donzella.  
A mãe, mais prudente, conheceu,  
Que havia n'essa esmola o que quer fosse;  
Mas a fome cruel fal-tragar  
O calix da traição amargo dôce!  
A rosa purpurina, fresca e bella  
Desabriu, descorou, fez-se amarella!

#### IX

Eis pois, ó donzella, que sofres,  
Da fome e da miseria as privações,  
Fugi do fingimento e da lisonja,  
Qui faz envenenar os corações;  
Cautellosas prudentes, não fiel-vos  
Nos rizos das lisonjas e nos favores,  
Que é fatal sempre a serpe que se esconde  
Nas ruas do jardim, por entre as flores.  
Confiai, confiai em Deus sómente,  
Na sua e nossa Mãe, Virgem Clemente.  
Missão-Velha—Setembro—1877.

Dino.

## TRANSCRIÇÃO.

### Alexandre Herculano.

Se uma individualidade, por mais gloriosa e potente que ella fosse, podesse resumir em si o nome e a história de uma nação inteira, ao receber o telegramma que nos anunciou a morte de Alexandre Herculano poderíamos escrever—Portugal desapareceu da face da terra!

Mas não é assim, felizmente. A nação sobrevive sempre ás maiores individualidades que a honrem; e o povo irmão que hoje pranteia a perda de seu inclito filho, pode esclarear com orgulho: — elle era meu!

A historia portuguesa ha mais de uma pagina de honra onde se pôde achar escripto o nome de mais de um herói.

Mas duvidámos que, no passado ou no futuro, possa o povo portuguez achar um tipo mais completo e que mais lustre dé ao nome lusitano, do que esse que acaba de entrar na posteridade, resplendente de todas quantas austeras virtudes podem ennobrecer a uma raça e a uma geração.

Poeta, romancista, historiador, philósofo, escriptor político, homem de ciencia e homem d'arte, patriota até o desespero ante as baixezas do seu tempo, abnegado até o sacrifício da sua propria individualidade, bardo e propheta simultaneamente—Alexandre Herculano é o nome que mais exalta e honra a nação portuguesa e nenhuma individualidade, mais do que a sua, pôde pretender a gloria de haver cosubstanciado em si—todas as qualidades brilhantes do genio e do carácter da sua raça.

Perder um filho d'esses é ficar orphão perpetuamente, porque elle não deixa irmãos que o possam substituir.

O sulco luminoso com que elle deixa assinalada na historia de seu paiz a sua passagem por este mundo, ha de, até a mais remota posteridade, fulgurar no horizonte de sua patria como uma esplendida aurora boreal.

Possam as obras primas do seu fecundo engenho servir de modelos aos que pretendam a honra de havel-o como mestre; e possa a lembrança do seu austero carácter estimular as virtudes da geracão que lhe sucede, para que esta possa fornecer ao seu paiz filhos que não sejam indignos da gloria e do legado de honra que lhes deixa esse voto imensa, que se chamou na terra—Alexandre Herculano.

(Do Globo.)

UM POUCO DE TUDO.

Farefada.

(CANÇÃO POPULAR)

Oh ! retirante  
Lá do sertão,  
Guardai as costas,  
Olha o Pirão.

Lá da caverna  
Do Mondubim  
Um retirante  
Já levou fim.

Por macacheira  
Que todos dão,  
Leva-se ali  
Bolos na mão.

Ata-se um homem  
De pés e mão,  
Mette-se o relo  
Sem compaixão.

De bode e cabras  
Corta-se orelhas,  
Queima-se as tetas  
De pobres ovelhas.

Mata-se boi,  
Salga-se e come,  
Embora o dono  
Morra de fome.

Será criminoso  
Quem procede assim ?  
Que diga o Pirão  
Lá do Mondubim:

Já que de historias  
De macacheira,  
Saber não quer  
O chefe Nogueira.

No expediente do governo do dia 11 de Agosto ultimo, lê-se um officio do Exm. presidente da província dirigido aos membros da comissão de transporte marítimo, ordenando-lhe, que entregasse ao fidalgo Joaquim Nogueira, comissário domiciliário do 2.º distrito, *dois paneiros* de farinha, para *alimento de crianças de retirantes*.

Não achando, talvez, justa tão odiosa exceção, os demais comissários reclamaram à S. Exc., porque também têm *crianças de retirantes* para alimentar, e S. Exc., sem mais nem menos, promptamente, fizera um outro officio à mesma comissão, estendendo a *graça* aos outros *fidalgos* !

Louvado seja Deus: o Sr. Estellita já não pensa mais, quando quer praticar d'estas e outras patolas !

O Sr. Santos Neves deve requisitar também por sua vez os seus *dois paneiros*, se é que em seu distrito existem *crianças*.

Infeliz verba de—socorros públicos, bas de chegar para tudo !

# ATTENÇÃO

O abaixo assignado representante da casa commercial de

DE LAILHACAR & C.<sup>o</sup>

DE PERNAMBUCO,

tem a honra de comunicar ao respeitável publico d'esta capital que, tencionando aqui demorar-se alguns dias, fixou sua residencia á rua Amelia n.

63 onde pode ser procurado para negocio de sua comissão.

A firma DE LAILHACAR & C. possue na cidade do Recife uma importante e conceituadissima

# LIVRARIA E PAPELARIA

caprichosamente montada e reconhecida pelo primeiro estabelecimento de Pernambuco, nesse genero.

A casa commercial de De Lailhacar & C.<sup>o</sup> em virtude de residir em Paris o socio G. de Lailhacar e das relações de que dispõe em toda a Europa, America do Sul e Norte, no Norte e Sul do Imperio, dispondo igualmente de meios pecuniarios sufficientes para o seu ramo de negocio, promptifica-se a executar encomendas de qualquer natureza, assim como aceita assignaturas para todos os jornaes nacionaes e estrangeiros — Politicos, Litterarios, Illustrados, Modas para Senhoras, Alfaiates, Cabelleiros e Chapelleiros, Religião, Philosophia, Jurisprudencia, Medicina, Homeopathia, Dentaria, Pharmacia, Commercio, Agricultura, Engenharia, Architetura, Technologia, Sciencias em geral, Geographia, Historia, Viagens, Pedagogia, Musica, Pintura, Photographia, Magnetismo, Spiritualismo, Franc-Maçonaria, Velocipedomania etc. etc. sendo que é este artigo a especialidade da caza.

O abaixo assignado traz consigo um grande numero de amostras de papelaria, impressões, livros em branco, muitos dos jornaes do catalogo, e de outros artigos, que estarão a disposição das pessoas que queiram dignar-se examinal-as e honrar com os seus pedidos.

Ceará, 13 de Outubro de 1877.

Willibald Padilha.

CEARA—1877—TYPGRAPHIA IMPARCIAL.—IMPRESSOR, SUITEBUTO PADILHA.